

Quando se acenderam as luzes do Teatro Renascença em 27 de março passado, a etapa inicial da empreitada estava concluída: a terceira noite da temporada de estreia da ópera P-U-N-C-H tivera plateia lotada, como ocorrera nas duas noites anteriores. Idealizada, composta e dirigida por Christian Benvenuti, é resultado de um trabalho colaborativo que envolveu 16 pessoas na equipe de direção e produção, 17 bailarinos-atores, quatro cantores, dez instrumentistas e 242 apoiadores que, por meio da plataforma virtual Catarse, fizeram contribuições financeiras em troca de recompensas, como ingressos e outros objetos. Esses apoios variaram entre R\$ 10 e R\$ 500 e totalizaram R\$ 22.270. Ideia gestada pelo compositor desde 2011, P-U-N-C-H já recebera o Prêmio Funarte Petrobras de Dança Klaus Vianna 2012 e, no final do ano passado, começou a ser efetivamente montada. “Eram R\$ 80 mil da premiação, mas, descontados os 27,5% de imposto de renda, recebemos R\$ 58 mil. É um valor baixo para um espetáculo da dimensão deste, por isso recorremos ao crowdfunding no início de 2014”, conta Christian.

“Possivelmente o espetáculo sairia mesmo que não atingíssemos a meta para receber o financiamento pelo Catarse, mas teria de ter sido muito mais modesto, com reformulação da proposta cênica e visual”, aclara. No site, o projeto teve até 12 de fevereiro para alcançar o mínimo de arrecadação de R\$ 19.622. Como a política da plataforma é que os projetos só recebem o financiamento se atingida ou superada a meta, a equipe envolvida na produção injetou R\$ 6 mil de seu caixa para garantir que receberia o que fora doado. Caso a campanha não seja bem-sucedida, os apoiadores recebem seu dinheiro de volta e não há financiamento. “Era melhor receber uma parte, mas receber”, diz o proponente. “Descontada a taxa do Catarse, ficamos com pouco mais de R\$ 12 mil e ainda tivemos que usar parte da renda da bilheteria para sairmos do vermelho”, conta.

Pioneira, maior e mais conhecida plataforma para financiamento coletivo no país, o Catarse foi ao ar em 17 de janeiro de 2011 e, desde então, já finalizou 1.720 campanhas, sendo que, entre essas, 955 atingiram suas metas e foram financiadas, ou seja, 56% tiveram sucesso. Segundo o coordenador de comunicação do site, Felipe Caruso, nesses três anos de atuação, 117 mil pessoas contribuíram com um total de R\$ 15 milhões. Se tomados os totais anuais dessa referência no setor de crowdfunding, é possível compreender o desenvolvimento dessa forma de financiamento de ideias no Brasil: em 2011, dos 270 projetos finalizados, 142 foram bem-sucedidos, uma taxa de 53%; em 2013, foram 747 propostas, sendo que 453 chegaram às suas metas, isto é, 61%. Percebe-se, portanto, um incremento bastante significativo se considerado que esse tipo de plataforma surgiu, no país, há pouco mais de três anos. Dentro desse cenário, Porto Alegre é a terceira capital em volume de projetos. Atrás de Rio de Janeiro e São Paulo, já teve 60 propostas financiadas – 69% do total de 87 inscritas.

Juntando forças

TEXTO EVERTON CARDOSO

FOTOS FLÁVIO DUTRA

Crowdfunding *Iniciativas para o financiamento coletivo de projetos em diferentes áreas crescem e viabilizam novas formas de produção*



FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



O estudante de Design da UFRGS Martino Piccinini recebeu o apoio de 92 pessoas para viabilizar sua exposição fotográfica

Sonho de coletividade

“Há mais de um ano e meio, o Projeto Vizinhança reúne vizinhos e artistas para transformar espaços ociosos em lugares cheios de vida e criar ambientes de troca e compartilhamento.” Essa síntese está na abertura do texto de apresentação da iniciativa no site Catarse. O objetivo é buscar financiamento coletivo para facilitar a realização das próximas edições da ação idealizada e organizada pela publicitária e aluna da Especialização em Economia da Cultura Aline Braga e pela arquiteta e acadêmica de Artes Visuais Marcia Braga, ambas alunas da UFRGS. Nos dias 29 e 30 de março passados, aconteceu a sexta edição do Projeto no Centro Cultural da Tristeza; as próximas serão realizadas em terrenos emprestados no bairro Santa Tereza, no dia 18 deste mês, e no bairro Santana, em 11 de outubro. “Montamos uma programação de atividades que inclui de tudo”, enfatiza Aline sobre o conjunto de oficinas e exposições de arte, apresentações de música, dança e teatro, além da execução, diante do público, de trabalhos de artistas visuais. Também serão promovidas refeições coletivas, sendo que cada participante levará a sua contribuição. “Não queremos um caráter comercial, por isso não tem muita comida à venda”, justifica. A única exceção é o chef Rodrigo Paz, conhecido por ser idealizador do Comida de Rua, que comercializa algum

de seus pratos em um momento específico. “Não é feira ou bazar. É como se a gente estivesse indo para a casa de um vizinho para curtir um som. É para aproximar as pessoas, proporcionar momentos de aprendizado”, sublinha a publicitária.

Iniciativa voluntária, para suas idealizadoras o Vizinhança é tarefa árdua: “Temos de correr atrás desde mesa, cadeiras, gazebo, caixa de som, microfones, projetores e tudo o mais. Precisamos imprimir material de divulgação. Dependendo do espaço, é necessário alugar banheiros químicos, gerador, sem contar todo o material que fornecemos aos artistas, como cola, tinta, papel e spray”, arrola Aline. A intenção, com o crowdfunding, é juntar R\$ 8.000 para comprar principalmente o equipamento necessário para os eventos e, assim, evitar o trabalho que é arrumá-lo. “Isso tudo vai para o Depósito dos Sonhos”, esclarece a organizadora. A intenção é que, além do projeto por ela idealizado, esse material sirva para outros grupos realizarem projetos que partilhem dos mesmos ideais, que tenham a ver com a aproximação de pessoas: “Aqueles que pensam na melhoria da cidade na questão afetiva”. Sobre a experiência de buscar financiamento coletivo, Aline desabafa: “É muito angustiante a espera. As pessoas não têm noção do trabalho que dá criar e decidir as recompensas, fazer a divulgação”.

Experiência partilhada

Quando comprou a câmera usada Nikon D80 de uma amiga poucos dias antes de embarcar para Moçambique, Martino Piccinini provavelmente nem imaginava o que resultaria depois de duas semanas na nação africana. “Gostava muito de fotografia, mas não me colocava como fotógrafo. Nem sei se ainda sou”, duvida o estudante de Design de Produto na UFRGS mesmo depois de ter-se dedicado à atividade que resultou na exposição África, oi! Pemba, tchau!, exibida de agosto e setembro de 2012 na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Selecionado para expor na Galeria dos Arcos, não dispunha de orçamento para a exibição. Foi então que buscou uma plataforma de financiamentos coletivos para arrecadar os cerca de R\$ 3 mil que precisava para imprimir e emoldurar as imagens. Oferecendo recompensas que, entre outras coisas, incluíam cópias assinadas de suas imagens em diversos formatos, Martino recebeu apoio de 92 pessoas e chegou a um total de R\$ 4.112, quase R\$ 1.000 a mais do que previra como meta inicial.

“Fotografia digital, quem não tira? Se pensar que foram menos de 100 por dia, nem são tantas assim”, diverte-se ao relembrar que, ao retornar, contabilizava mais de mil imagens coletadas no período em que esteve na cidade de Pemba, que fica na parte nordeste do país luso-africano, na costa do Oceano Índico. E completa: “Não foi nada muito

diferente do que a maioria das pessoas faz”. A experiência do então jovem de 21 anos foi resultado da participação no projeto Oficina de Artesãos, na capital da província de Cabo Delgado. Foram intensos 15 dias – em outubro de 2010 – de envolvimento com cerca de 130 artesãos moçambicanos. Durante esse período, o jovem estudante tanto participou de atividades com os artesãos locais quanto fez um trabalho de registro visual do evento. “Fui como um intrometido, para dar consultoria de forma, desenvolvimento e medida, de como fazer as tramas na cestaria, como fazer uma forma diferente na madeira”, explica. “Depois, fotografei todos os artesãos, peguei nome por nome e fiz um trabalho de documentação de todos os presentes no evento. Era uma loucura de comunidades. Foi bem trabalhoso”, conta sobre a tarefa que desempenhou durante sete dias. “Achava injusto ter tido toda aquela experiência e não compartilhar”, diz. Segundo ele, essa era a possibilidade de mostrar o seu contato com paisagens e pessoas muito diferentes daquelas com as quais nossos olhares estão habituados. Foi, ainda, uma forma de traduzir sua mudança de conceito durante a experiência: se antes a África fora, em seu imaginário, um território homogêneo; era, a partir de então, um lugar pleno de particularidades do qual Martino apenas teve contato com uma ínfima parte.

Essa história de pessoas não que e cultura não é

Performance da bailarina Raisa Torterola na edição do Vizinhança realizada em março de 2013





Em frente à Galeria Chaves, no Centro de Porto Alegre, Bernardo Pereira (de boina) conta histórias sobre a Rua da Praia

e que as terem educação verdade.

Niziane Franklin
Diretora da Escola da OSPA

Instituição em apuros

São 17 degraus que ligam o térreo ao primeiro piso do Conservatório Pablo Komlós – mais conhecido como Escola da Ospa –, na rua André da Rocha, na capital. Feitos de concreto, mas recobertos de madeira, são sinal da precariedade da antiga casa que hoje abriga a instituição: quando alguém sobe ou desce, oito deles fazem barulho; as tábuas estão soltas. “Atrapalha a aula”, diz a aluna Julia Snak da Silva. A menina de 11 anos que se dedica ao violino desde os seis frequenta a escola desde a reabertura, em maio de 2013, e é rápida em apontar o que considera mais problemático: janelas quebradas, número insuficiente de salas, inexistência de um lugar para guardar os instrumentos e fiação elétrica aparente. Da mesma forma, a também aprendiz do instrumento, Stephanie Alves, reclama do barulho: “Quando estamos na aula de Teoria e Percepção Musical, o som das aulas práticas atrapalha um pouco”. Gean Veiga, músico da Ospa e professor de violino, igualmente aponta problemas: “No verão, numa sala sem climatização, é um enorme desconforto para o aluno executar um instrumento, manter a postura e a concentração. E, no inverno, os dedos ficam rijos”. Isso tudo sem contar o impacto que as temperaturas extremas têm sobre a afinação dos instrumentos. Se considerarmos que o Conservatório

pretende formar futuros músicos de orquestra, isso se torna ainda mais problemático, pois é preciso que esses alunos tenham ouvidos sensíveis e treinados.

“Em todas as reuniões de professores, ouvimos: ‘Assim não dá para continuar!’”, relata a diretora da escola Niziane Franklin. Foi por isso que, em março deste ano, tomaram a decisão de procurar meios para resolver a situação de forma emergencial: propuseram uma “sinfonia da reforma”, a ser executada com financiamento coletivo. “Chegamos ao ponto de aulas terem de ser canceladas porque alagava a sala quando chovia!”, exclama a professora. Sendo a Ospa um órgão vinculado e mantido pelo estado, a grande dúvida é, obviamente, se essa verba não deveria mesmo vir dos cofres públicos. Mas Niziane esclarece: “Esse projeto foi feito para as coisas mais emergenciais”. Segundo a gestora, se fosse feito com dinheiro público, haveria a necessidade de seguir os caminhos burocráticos, o que demandaria um tempo que não há. “Resolvemos atalhar”, sintetiza. O projeto superou a meta de R\$ 59 mil muito antes do prazo estipulado, o que se deve, em parte, ao prestígio da orquestra. “Essa história de que as pessoas não querem educação e cultura não é verdade. O retorno que tivemos é reflexo disso”, diz Niziane.

Voluntário e coletivo

Andar pelo centro da cidade ouvindo histórias e anedotas sobre lugares e pessoas que por lá passaram. É assim que a equipe do Free Walk Poa conduz uma caminhada pela parte histórica de Porto Alegre e traz ao público relatos como o do linguiceiro da Rua do Arvoredo, o dos footings pela Rua da Praia, o da esquina do pecado – onde as moças mostravam o tornozelo ao subirem nos bondes –, o do Largo dos Medeiros – onde a elite local se reunia em cafés – e outros sítios e personagens que outrora povoaram a cidade ou simplesmente circularam por ela. Até mesmo a passagem do escritor e piloto francês Antoine Saint-Exupéry, autor de *O Pequeno Príncipe*, foi recuperada pelo grupo. Idealizado pelos amigos catarinenses radicados em Porto Alegre André Flores e Thiago Goss, o projeto é inspirado nas caminhadas guiadas e gratuitas oferecidas em outras cidades e países. Durante quase dois anos de passeios, eles arregimentaram mais quatro parceiros, que hoje se dividem na contação de histórias todos os sábados a partir das 11h da manhã. Os passeios saem da frente do Chalé da Praça XV e não possuem um roteiro fixo. “Depende de quem está participando, se são pessoas de fora ou daqui de Porto Alegre”, justifica o publicitário e guia André Flores.

Pela dimensão que o Free Walk Poa foi tomando e pelo incessante

entusiasmo de seus integrantes, eles decidiram dar um passo mais ousado: querem – e vão – transformar essas histórias em um livro. “Vai ser como se a pessoa fizesse por si mesma o passeio pelo centro. Um pocket book. Histórias curiosas para presentear um amigo que venha para cá”, relata André. Escrita pelos próprios integrantes do grupo, a obra vai conter, além de cerca de 20 histórias, um conjunto de fotografias oriundas do acervo do Museu Joaquim José Felizardo e das pessoas que participa(ram) das caminhadas. “Elas intervêm, contam experiências delas naqueles lugares e tiram fotos”, diz sobre as imagens que traduzem o espírito colaborativo do projeto. Depois de tentar financiamento por outros meios, o grupo procurou o crowdfunding como alternativa. Pretendem arrecadar R\$ 15 mil, que André explica estarem divididos da seguinte forma: R\$ 10 mil para imprimir 2.000 exemplares, incluindo o projeto gráfico; R\$ 5 mil para a comissão do Catarse e o custo com transações por cartão de crédito, além de despesas com correio e confecção de 200 camisetas e 100 canecas, que fazem parte das recompensas aos apoiadores. “O livro já está escrito e poderíamos ter viabilizado por outros meios”, explica o publicitário, “mas decidimos buscar o financiamento coletivo para que as pessoas possam construí-lo conosco”.

Antonio Nader, 11 anos, escolheu o trombone como instrumento para estudar na Escola da OSPA



Novo modo de consumo

FOTOS: MARTINO PICCININI



O mote dos sites de financiamento coletivo tem sido o de possibilitar a execução de projetos que, de outra maneira, jamais tomariam forma. Seria um retirar da gaveta aquelas ideias em que, aparentemente, ninguém acredita. Na avaliação da psicóloga Bruna Costa, é uma forma de testar uma ideia, de entender se há aceitação de uma parcela do público. Com uma inquietação que a levou a procurar a pós-graduação, a agora mestra desenvolveu uma pesquisa sobre os discursos presentes em alguns sites de financiamento coletivo: além do Catarse, ela também estudou páginas como o Benfeitoria. Apesar de cada um ter sua particularidade, partilham de uma mesma dinâmica, que está baseada na doação de determinada quantia em troca de alguma recompensa. “Apesar de serem colaborativos, são uma nova forma de consumo”, opina sobre uma relação que acaba aproximando quem compra e quem vende.

Na opinião da pesquisadora, esse modo de financiamento de ideias tem algumas particularidades. A primeira delas seria o que Bruna descreve como “participação em algo maior”, ou seja, a possibilidade de se sentir incluída em algo que transcende o individual e toma um caráter coletivo. “Mas já não fazemos parte desse algo maior?”, questiona-se sobre o quanto, por vivermos em sociedade, já estamos incluídos nessa dimensão dos fenômenos que abrange princípios como o da cidadania. Outro aspecto detectado pela psicóloga é a necessidade de possuir uma boa rede de relações, normalmente sintetizada pelos três Fs: family, friends and fools – em inglês, família, amigos e bobos. Esses últimos seriam aqueles que apostam no projeto sem ter relação alguma com o idealizador. Os dois primeiros grupos, no entanto, seriam definidores, já que funcionariam como multiplicadores em suas próprias redes de contatos.

Além desses condicionantes, Bruna aponta a necessidade de dominar algumas habilidades bastante específicas para trabalhar com a internet, divulgar o projeto em redes sociais e mesmo para fazer os vídeos. Estes, aliás, são apontados por ela como definidores do sucesso do projeto. Nesse sentido, a psicóloga ressalta o discurso do site Benfeitoria como ilustrativo do que é preciso para um projeto obter financiamento por esse meio: deve ser sexy e divertido. “Isso escutamos muito sobre o consumo em geral, e eles indicam que colaborar também tem que ser assim. Será?”, pergunta-se. “Talvez, tenha que ser responsável e ético”, pondera. Apesar das limitações dessa forma de consumo, Bruna entrevê aí uma possibilidade de “oxigenação”, de reunir pessoas ao redor de ideias que escapam da lógica do marketing mais tradicional, sendo, neste caso, o baixo risco e o alto retorno os ditames predominantes.

Credibilidade – Uma das principais particularidades do crowdfunding é o uso das plataformas digitais como meio de arrecadação. Se antes as ações entre amigos, rifas e outras formas de juntar dinheiro já possibilitavam reunir um grupo de pessoas em prol de uma causa, foi o advento da web 2.0 e suas possibilidades de interação o que permitiu o surgimento dessa relação que, agora, transcende a presença física. De

acordo com o professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS Alex Primo, é o próprio sistema que incentiva o uso das redes e de amigos para compartilhar informações sobre as iniciativas e, assim, viabilizá-las. “É a rede que garante a credibilidade do processo”, destaca. Entre as questões referentes a essa crença no crowdfunding está a efetiva utilização do dinheiro arrecadado. “Uma das coisas que assegura isso são as primeiras pessoas que entram no sistema, como amigos e família. O proponente não vai querer trair as pessoas mais próximas”, explana. Para o docente, há aí indícios de uma consciência do coletivo e uma confiança de que o proponente vai cumprir o que está prometendo. “Não é apenas a lógica de que há um público comprador que um empresário quer oprimir e sugar”, diz.

Fuga da burocracia – A partir desse raciocínio, o professor do curso de Especialização em Economia da Cultura da UFRGS Leandro Valiati aponta que, no financiamento coletivo, é o desejo do indivíduo que predomina, e não o que é mais válido do ponto de vista social. Em sua análise, marcada pela lógica da produção cultural – seu campo de especialização e de onde provém a maioria dos projetos financiados dessa forma –, essa tem sido uma possibilidade de desvincular as produções mais inovadoras da dinâmica burocrática e engessada das políticas de fomento oferecidas pelo Estado. Ele cita como exemplo as leis de incentivo à cultura baseadas na renúncia fiscal. Por mais que um produtor tenha a sua ideia aprovada pela instância pública, ainda precisa buscar o patrocínio na iniciativa privada. Assim, artistas já consagrados e produtos de sucesso notório ganham a maioria dos apoios, já que as empresas veem aí uma maior possibilidade de trabalhar a própria imagem. “A inovação tem de se distanciar do setor estatal para poder ganhar vida e acontecer plenamente”, ressalta. “O Estado”, diz, “tem de criar políticas públicas que permitam essa inovação.” Esse ciclo de consumo proposto pelo crowdfunding tem o mérito de aproximar a oferta e a demanda, ou seja, quem vende e quem compra, sem a necessidade de intermediários.

O setor, porém, ainda tem muito a crescer no Brasil. Alex Primo menciona o fato de no país projetos de design de produtos serem pouco frequentes. Como exemplos de sucesso no mercado estadunidense, o pesquisado cita o relógio Pebbles – que tem tela semelhante a um leitor digital de documentos – e a boneca Lammily – desenhada de forma realista a partir das medidas e proporções de uma adolescente de 19 anos. “É uma forma de resistência à grande indústria, de viabilizar projetos que não recebem atenção”, complementa. O que certamente facilita esse processo nos Estados Unidos e na Europa, além de essa dinâmica já estar instalada há mais tempo e, portanto, ser mais madura, é o fato de as taxas dos sites de lá serem bastante mais baixas que no Brasil: enquanto no país elas superam os 10% do valor total do financiamento, no estrangeiro chegam a ser de 3 ou 4%. As plataformas se defendem alegando que essa diferença se deve à alta carga tributária nacional.

As fotos que ilustram esta página integram a exposição *África, oi! Pembam tchau!*, exibida de agosto a setembro de 2012 na Usina do Gasômetro. A mostra foi viabilizada por meio de financiamento coletivo pelo estudante de Design da UFRGS Martino Piccinini